

JUVENTUDES, TECNOLOGIAS, INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO: DISCUTINDO CAMINHOS EPISTEMOLÓGICOS

Giuseppa Maria Daniel Spenillo¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar questões ao debate corrente nas Ciências Sociais sobre juventudes, localizando-as nas sociedades marcadas pela centralidade da informação e do conhecimento. Constitui um estudo teórico em que se pretende o diálogo com a sociologia configuracional de Norbert Elias e com as epistemologias do Sul de Boaventura de Sousa Santos. Retiramos desses dois autores pistas para formulação de caminhos para a pesquisa com e sobre jovens, dentre as quais destacamos: o habitus social, a desnaturalização dos processos sociais e conhecimentos deles advindos e as interdependências, a partir de Elias; a percepção da diversidade através de uma ecologia de saberes, a interpretação das intersubjetividades através de uma escuta profunda e a valorização das experiências através do registro das memórias dos sujeitos pesquisados, a partir de Santos. Praticamos, então, um exercício teórico de construção de questionamentos que podem contribuir para a amplitude de nossa ação social investigativa com e sobre jovens, reconhecendo-os não como um problema social, mas como sujeitos sociais que demandam reconhecimento político, cultural e social.

Palavras-chave: Juventudes; Informação; Conhecimento; Figuração; Epistemologias do Sul

¹ Professora Adjunto na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Programa de Mestrado em Extensão Rural/POSMEX/UFRPE. Investigadora em Pós-Doutoramento no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. E-mail: gspenillo@yahoo.com.br

YOUTHS, TECHNOLOGIES, INFORMATION AND KNOWLEDGE: DISCUSSING EPISTEMOLOGICAL WAYS

ABSTRACT

This paper aims to show a few questions to the current discussion on the Social Science about youths on the contemporary societies characterized by the central of the information and knowledge. This is a theoretical study about figurational sociology, by Norbert Elias and the South epistemologies, by Boaventura de Sousa Santos. We bring from them the following clues to formulating way of research with and about youths: social habitus, denaturalization of social processes and the interdependencies on human life in society, based on Elias; the perception of diversity through a knowledge ecology, the deep listening of intersubjectivities, and the valorization of people experiences recording their memories, based on Santos. We propose a theoretical exercise to contribute to over-extending the scope of social investigation about and with youths to recognize them as social, cultural and political peoples.

Keywords: Youth; Information; Knowledge; Figuration; Epistemologies of the South

Introdução

Nas sociedades contemporâneas, um novo ator social vem se construindo e se constituindo num jogo de visibilidades/invisibilidades que se dá a partir de conflitos e consensos sociais, políticos e culturais: a juventude. Para este ator, seja de modo individual ou coletivo, colocam-se culturalmente formatos de estar no mundo, de conviver, de representar, de identificar, de aceitar e de transgredir que configuram e traduzem estágios socioculturais da aventura humana. No entanto, onde estão estes jovens nas estruturas sociais de nossa época? Como são significados e orientados pelas gerações anteriores? Como e onde são tornados (in)visíveis? Particularmente numa sociedade centrada no consumo e no tecnológico, como os jovens estão formando identidades e exercendo funções sociais, culturais e políticas?

Estas são questões que se colocam para as Ciências Sociais apresentando-nos desafios de interpretação sobre juventudes e jovens em seus modos dinâmicos de interagir em sociedade, com as demais gerações, com os acervos materiais e simbólicos compartilhados, e, especificamente, com as expectativas e necessidades constitutivas das chamadas Sociedades da Informação ou do Conhecimento, a partir de uma abordagem das múltiplas – e até repetitivas e excessivas – manifestações informativas tecnológicas. Ora, qualquer outra conformação social não poderia ser abordada de tal forma? É provável, uma vez que reconhecemos o caráter intrínseco da comunicação na formação dos coletivos humanos. Porém, em nenhuma outra organização social encontramos a ênfase informativa que se estabelece nas sociedades atuais e, a partir desta ênfase, uma reformulação na produção e circulação de conhecimentos e saberes.

Este artigo é resultado de estudos teóricos provocados por experiências empíricas e investigativas com juventudes nas sociedades contemporâneas. No intuito de contribuir para o alargamento da problemática, dialogamos com dois lugares teóricos nas Ciências Sociais, com os quais buscamos avançar em formulações interpretativas em torno das questões acima levantadas: a sociologia configuracional, de Norbert Elias e as epistemologias do Sul, de Boaventura de Sousa Santos. Trazemos para discussão conceitos e abordagens teórico-metodológicos com os quais temos caminhado em nível epistemológico a partir de leituras sistematizadas de suas obras, e do debate atual em eventos de caráter científico. Para tal, recortamos a produção de Norbert Elias, enfatizando as obras em que ela-

bora a noção de **figuração e de abordagem configuracional**. E em **Boaventura de Sousa Santos centramos na temática mais recente e** abrangente das epistemologias do Sul, a partir de dois livros do autor e do ciclo de aulas magistrais proferidas entre março e maio de 2014 na Universidade de Coimbra.

Dividimos o artigo em três partes, a saber: 1) trazemos em grandes pinceladas o estatuto do saber e da informação nas sociedades atuais enquanto elementos organizadores do mundo sociocultural de nossas juventudes; 2) apresentamos a abordagem configuracional e, nela, o conceito de *habitus* social conforme formulados por Norbert Elias, considerando as possibilidades epistemológicas para situar estudos sobre jovens nas sociedades contemporâneas; 3) reolocamos questões mais específicas da pesquisa social sobre juventudes, **informação, conhecimento e tecnologias a partir da proposta das epistemologias do Sul, de Boaventura de Sousa Santos**, enquanto enfrentamento à lógica dominante do capitalismo, do colonialismo e do patriarcalismo.

I. Comunicação, Informação e Conhecimento no Mundo Tecnológico

Pode até parecer trivial, para nós, hoje, a presença constante de recursos tecnológicos em nosso cotidiano. A dinâmica social a que nos acostumamos conta com o computador conectado à internet, o microondas, a máquina de lavar, o celular, a televisão programável, o caixa eletrônico, o banco online, o scanner, a cafeteira, o tablet, o ipad, o iphone... Rodeados de aparelhos que substituem ou aceleram nossas ações, imprimimos, no mais das vezes distraidamente, uma nova lógica para o ambiente sociocultural em que nos encontramos. E alteramos estilos de vida, características e expectativas do convívio social, formas e momentos de comunicação, necessidades de informação, relações intelectuais na produção e circulação de conhecimentos, prioridades de consumo e compartilhamento.

As alterações *tecnológicas*, incorporadas ao cotidiano, vão constituindo novas intersubjetividades enquanto rupturas profundamente sentidas do ponto de vista da vida moderna. A modernidade ofereceu ao mundo uma lógica formal de transmissão do conhecimento, enquanto conhecimento acumulado, ao longo de etapas subseqüentes promovidas por instituições específicas: escolas e universidades. Hoje, esta lógica defronta-se com novas lógicas trazidas pelas tecnologias disponíveis e já utilizadas em larga escala. Como promover, elaborar, circular co-

nhhecimento num mundo informatizado? Quais instrumentos para compreensão das novas realidades sociais, culturais, econômicas, políticas? Quais referenciais para a construção de análises? Quais conteúdos relevantes? E até: qual o estatuto do conhecimento num mundo veloz, informático e descartável?

Nas Sociedades da Informação ou do Conhecimento, o saber² toma novas roupagens, novas condições de materialização e apreensão, por conta da fluidez, imanente ao digital, de sua transitoriedade, mutabilidade, descartabilidade. São características revolucionárias na produção de conhecimento e informação, na medida em que se deslocam para suportes não rígidos e não fisicamente limitados. A linguagem contemporânea, informatizada, fragmentada, instantânea; a agressiva circulação de informações multifacetadas, redundantes, tópicas, excessivas; as rupturas com formas materiais de organização do conhecimento **são alterações nos cenários sociais e econômicos, e também nos arcaibouços simbólicos** e imagéticos dos indivíduos e grupos sociais. São elementos da nova configuração social que recolocam as condições e motivos de produção de conhecimento, de informação, de comunicação.

As práticas de uso das tecnologias de comunicação e informação (TIC) voltam-se para o indivíduo isolado, silencioso e desapegado de amarras territoriais. Este indivíduo das Sociedades da Informação ou do Conhecimento vincula-se a grupos sociais sobre novas bases, virtuais, na busca por produzir significados, interpretar o mundo, compartilhar lógicas, códigos e linguagens. São o que podemos entender, a partir de Elias (1994), como novos habitus culturais, ou seja, formas de agir, de pensar e de ser/estar, moldados e acionados a partir de normas, padrões, valores que se aprendem e se legitimam no convívio social. Marcadamente, no entanto, as estruturas sociais de nossa época se sustentam por dinâmicas de inclusão e exclusão que fornecem aos jovens, como aos demais indivíduos, compreensões e valores de mundo que os orientam e direcionam em suas vontades, necessidades, expectativas, sentimentos de pertencimento, identidades a partir de um paradigma destrutivo/apropriador (capitalismo) e violento/dominador (colonialismo), como vemos em Santos (2010).

2 Não nos interessa aqui marcar distinções entre saber e conhecimento, como o faz Lyotard (2002), por exemplo. Tomamos saber e conhecimento senão como conceitos que colaboram para nomear conjuntos de compreensões culturais sobre o mundo.

Tais dinâmicas de inclusão e exclusão podem ser percebidas nos acessos e usos de bens sociais como a educação, a saúde, os espaços públicos, o lazer e o trabalho. E, também, no consumo seja material, simbólico, intelectual ou virtual. Afinal, as benesses e o *know-how* disponíveis hoje não estão disponibilizados igualmente para todos os indivíduos e grupos sociais, nem na perspectiva horizontal (entre gerações, por exemplo), nem na vertical (dentro de uma mesma geração). Numa observação intrageracional (entre jovens, no caso), a desigualdade e a injustiça social persistem, uma vez que as formas de acesso e uso de tais instrumentos sociais se dá em desníveis e defasagens politicamente construídas. Ou seja, as diferenças nas condições de acesso são parte dos jogos sociais de poder e distinção que sustentam há séculos os sistemas capitalista, colonialista e patriarcalista que, em conjunto, mantêm uma lógica de dominação como estrutura social.

Propomos, então, caminhos epistemológicos para refletirmos acerca de *habitus* sociais que contribuem para a configuração de jogos de poder no sentido da exclusão e da inclusão enquanto normas e padrões de pertencimento e equilíbrio sociais, tendo a juventude como ator central em tais dinâmicas. Acionamos lugares teóricos para refletirmos sobre lugares sociais possíveis para os jovens nessa configuração social tecnológica originada nas bases capitalistas e colonialistas, marcada pelo tempo real, pela descartabilidade e instantaneidade, pelos excessos e faltas – ou seja, por novas colonialidades. A partir de Elias (1970) percebemos a importância do *habitus* social enquanto formador de configurações sociais, e especialmente as dinâmicas de construção de novos *habitus*, como aqueles que surgem nessa *era digital*. E a partir de Santos (2010) intentamos substanciar o jovem nas sociedades atuais e compreender como o que chama de epistemologias do Sul pode contribuir para revelar estas juventudes.

2. Norbert Elias: configuração e *habitus* sociais

Na perspectiva de Norbert Elias (1970; 1994), temos que as relações sociais se fazem em redes (de relacionamento, de vizinhança etc.) que, por sua vez, configuram estruturas sociais e pessoais, formam *habitus* compartilhados pelos grupos e indivíduos, forjam identidades coletivas (nós), individuais (nós-eu) e de pertencimento (eles), produzem significados e sentidos para a vida humana e a vida humana em sociedade. As redes de relações só podem, então, ser entendidas

nas dinâmicas do mundo empírico em que estão sociedades e indivíduos e nas quais se desenvolvem os habitus culturais.

Todo habitus, social ou individual, ganha sentido, em seu exercício e também para sua interpretação, quando se reconhecem as estruturas sociais que o sustentam, ou seja, as interdependências, os jogos de pertencimento, as reciprocidades, as dinâmicas de conflito e equilíbrio social – em uma palavra, a configuração social em que é criado, mantido e significado. Assim temos que experiências obviamente já vivenciadas, observadas, registradas e analisadas em outras gerações, ganham novos contornos num mundo que se acelera, se informatiza e fragmenta em múltiplas possibilidades de **realização/fracasso, consumo/produção, estímulo/ prostração, comunicação/in-comunicação**, direitos/deveres, inclusão/exclusão, dadas as dinâmicas trazidas pelos modos de vida mediados pelas tecnologias de informação e comunicação, inseridas nos processos neoliberais de globalização.

Os habitus culturais – individuais e sociais – são, portanto, formas de agir, de pensar e de ser/estar, moldados e acionados a partir de normas, padrões, valores que se aprende e se legitima no convívio social. Em Norbert Elias (1970) podemos entender a importância e a força do habitus social sobre o habitus individual, especialmente nas dinâmicas de construção de novos habitus.

Sem dúvida, ainda é difícil, hoje em dia, imaginarmos concretamente a formação de um habitus individual a partir de um habitus social. No quadro conceitual vigente, temos dificuldade de formular aquilo que constitui o caráter particular das sociedades humanas, isto é, o fato de que o indivíduo só consegue tornar-se uma pessoa relativamente autônoma, com uma personalidade bem afirmada e, portanto, mais ou menos única em seu gênero, aprendendo com os outros, assimilando modelos sociais de autodisciplina. (ELIAS, 1998: 20).

É nesse sentido que as juventudes contemporâneas chamam a atenção e provocam questionamentos e pesquisa social. Seja a partir das condições de moradia, de lazer, de consumo, de educação, de saúde, de ocupação/desocupação, de comunicação e informação, de construções identitárias, de referências no mundo adulto oferecidas a estes jovens, percebemos já uma carência comum à juventude: a falta de habitus de participação e decisão políticas e sociais, que comprometem

o (re)conhecimento e o exercício de seus direitos e deveres de cidadania, a expressão de suas subjetividades e a formação de identidades emancipadas.

Necessidades e expectativas são construções sociais e culturais muito mais do que individuais, como demonstra Elias (1994; 1998) a partir da noção do habitus social. Jovem e mercado de trabalho, jovem e consumo, jovem e beleza, jovem e tecnologias são associações desenvolvidas socialmente por determinados grupos culturais em dados momentos históricos. A questão central que nos coloca Elias é o quanto de cristalização de conhecimentos há nessas associações que, ao serem repetidas e tomadas como verdades, tornam naturais processos sociais históricos que comportam, em si, disputas de poder, dominações e expropriações, violências e silenciamentos.

É frente a este desafio que a abordagem configuracional das sociedades pode servir de base epistemológica para a interpretação de dinâmicas e processos de longa duração, como percebemos na formação de lugares e significados sociais para o jovem e a jovem. A juventude vem se apresentando como questão social a partir de um conjunto de processos políticos, culturais e econômicos, frutos de dinâmicas sociais complexas, que a coloca, dentre outros atributos, como sujeito portador de direitos. Nestas dinâmicas, encontram-se questões universais, como a **consolidação das sociedades de consumo**, a flexibilização nas relações sociais, a revisão de papéis sociais, especialmente a partir da família, o reordenamento do mundo do trabalho e a construção de novas identidades, inclusive a identidade de jovem. Como interpretar o ser jovem hoje a partir de tais dinâmicas e processos?

Consideramos substituir as abordagens estáticas, de curto prazo, por uma abordagem sociológica “que se mantenha a uma distância equiparável do absolutismo filosófico e do relativismo histórico” (ELIAS, 1998, p. 147). Elias não propõe o estudo de momentos históricos específicos, mas que tomemos as configurações que surgem desses momentos para entender os processos sociais que os constroem. O autor retira a ênfase sociológica da atomização do indivíduo, presente na perspectiva weberiana, por exemplo, para colocá-la sobre as relações sociais que constituem indivíduos e sociedades. O indivíduo em Elias está enredado em um grupo social, com habitus sociais e estruturas afetivas e intelectuais forjadas no grupo e socialmente adquiridos pelo indivíduo. Para Elias (1998, p. 114), “um habitus social faz parte da estrutura de personalidade originária de

todo indivíduo humano”. Esses habitus e estruturas favorecem a constituição de identidades, forças, interdependências, limites, fragilidades, ou seja, laços sociais com os quais o indivíduo está envolvido e através dos quais desenvolve sua própria vida material, emotiva, cultural e cognitiva. Mais ainda, afirma que não predominam sobre o indivíduo escolhas racionais, mas escolhas afetivas e não planejadas.

Nesse sentido, Elias propõe uma compreensão não egocêntrica de sociedade, em que refuta a um tempo as análises estruturais e as análises atomistas para, saindo das amarras conceituais, voltar-se para as relações sociais estabelecidas pelos indivíduos em suas interdependências da vida em coletividade – as redes ou configurações sociais. “Temos que mostrar como e porque a interpenetração de indivíduos interdependentes forma um nível de integração no qual as formas de organização, estruturas e processos não podem ser deduzidos das características biológicas e psicológicas” (ELIAS, 1970, p. 50), afirma o autor ao apontar para o que chama de tarefa sociológica.

O que nos leva a perceber que, apesar das generalidades percebidas na configuração social contemporânea, encontramos particularidades que exigem atenção e cuidados tanto no plano da pesquisa social como no de políticas públicas. Dentre tais particularidades, destacamos a diversidade e pluralidade no ser jovem hoje: o local em que se vive e suas bases legais, o grupo socioeconômico a que se pertence, o grupo de orientação sexual em que se está inserido, as formas de exercício político possíveis nos espaços em que se encontra, as possibilidades de trabalho/profissão, de lazer e de consumo, de religiosidade e de formação intelectual.

Elias (1970) nos assegura um terreno metodológico ao identificar e afirmar que as configurações sociais podem ser de muitos tipos, de acordo com o grau de complexidade do grupo, o que nos habilita a aplicar a noção de rede ou configuração na interpretação do lugar da juventude no estágio singular das sociedades humanas, que são as chamadas sociedades da informação ou do conhecimento. Nessa perspectiva, então, temos como questão de investigação não cada jovem ou cada grupo de jovem isoladamente, mas as redes de interdependências em que se encontram e nas quais se desenvolvem como indivíduos, através da incorporação de habitus, de funções e papéis sociais. São as complexas redes de relações em que estão inseridos os jovens que devem ser estudadas se queremos respostas

sobre as juventudes. Conforme Elias (1970):

Isso pode ser feito com razoável simplicidade se perguntarmos em quanto aumenta o número das possíveis relações dentro de um grupo, quando se eleva o número de pessoas nesse grupo. É útil levantar esta questão, mesmo que ela tenha apenas como efeitos lembrar-nos que a sequência de idéias muitas vezes complicadas dos sociólogos só têm êxito e justificação se forem baseadas na complexidade demonstrável do campo em estudo. (...) A sociologia trata de pessoas; as interdependências que ocorrem entre elas são o seu problema central. O termo 'relações humanas' evoca muitas vezes idéias do dia a dia, da experiência de hora a hora, que se processo dentro do círculo restrito que nos inclui a nós, à nossa família e ao nosso emprego. Mas temos consciência do problema criado pela possibilidade de centenas, milhares e milhões de pessoas poderem estar relacionadas umas com as outras e dependentes umas das outras, mesmo que isto possa acontecer no mundo moderno. Apesar desta ausência geral de consciencialização, a larga rede de dependências e interdependências que hoje ligam as pessoas situa-se entre os aspectos mais elementares da vida humana. (ELIAS, 1970, p. 109).

O autor busca varrer os pressupostos, ideologias que considera mistificadoras dos processos sociais e impeditivas de entendermos tais processos neles mesmos. Assim, chega a um único pressuposto para a vida humana em sociedade: o ser humano, sozinho, é frágil diante de outras espécies vivas e frente ao meio ambiente. É porque precisam estar em coletividade para sobreviver que mulheres e homens desenvolvem o que chamamos de mundo social e, nele, qualidades que lhe dão sentidos, dentre as quais podemos destacar as formas de comunicação, com linguagens e significações compartilhadas e aprendidas; as formas de produção, validação e circulação de conhecimentos; as divisões de papéis e funções, méritos e castigos, qualidades e defeitos, valores, estigmas. De novo, então, recolocamos a questão: como e porque as sociedades atuais definem e significam o que é ser jovem? O que isto implica? O que demonstra das dinâmicas de integração social dos indivíduos nessas estruturas coletivas? São questões que apenas investigações sociológicas de longa duração poderão interpretar e elucidar.

Norbert Elias (1970; 1998) apresenta, ainda, como premissa a noção de que os seres humanos viverem em fluxos permanentes. Nesses fluxos, a mudança é

naturalmente constante. O autor nos provoca a olhar para as dinâmicas sociais e nelas buscar como e porque se processam mudanças. No entanto, onde está a mudança para os jovens de hoje? Talvez nos reordenamentos jurídicos, que lhes reconhecem direitos, através de instrumentos como os recentes Estatutos criados no Brasil. Mas quais mudanças trazem para a vida do jovem e a formação de suas identidades o Estatuto da Juventude, tornado lei em 2013, o Estatuto da Família, em tramitação no congresso brasileiro em 2014 e o Marco Civil da internet aprovado em abril de 2014? Estes instrumentos jurídicos mostram sinais de reconfiguração dos sujeitos de direito? Ou apenas apontam a crescente complexidade de sociedades como a brasileira?

Novamente é a pesquisa configuracional de longo prazo que pode concorrer para o enfrentamento de tais questões. Nesse mesmo sentido, temos também: seriam as tecnologias digitais de informação e comunicação sinais de mudanças no patamar de comunicação humana? Podem traduzir mudanças nas formas de produção e circulação de conhecimentos? Ou seriam apenas ferramentas que recolocam os hábitos enraizados da diferenciação, da distinção, da desigualdade, da expropriação levando para o tecnológico o jogo social de inclusão/exclusão, num *continuum* de apropriação e dominação?

Elias (1997), em **Os alemães**, sugere que as recorrentes disputas sociais em busca de reequilíbrios nas relações de poder podem ser propostas emancipatórias, quando questionam normas e convenções que facultam ou não acesso aos indivíduos, conforme as dinâmicas de diferenciação social – como é no caso das tecnologias e dos direitos sociais. Com Santos (2003) perguntamos: “*Poderá o direito ser emancipatório?*”, o que passamos a discutir a seguir, visitando as epistemologias do Sul.

3. Boaventura de Sousa Santos e as epistemologias do Sul

No texto intitulado com a pergunta acima, Boaventura de Sousa Santos problematiza o direito em sua formulação ocidental – “reduzido ao direito estatal” (2003, p. 4) – e o modelo capitalista liberal de sociedade que o legitima, para propor uma “reinvenção do direito” necessária e possível – o direito emancipatório baseado na “dimensão jurídica” de “lutas globais de tipo contra-hegemônico” (2003, p. 12). Tais lutas têm sido o lócus de investigações e problematizações que

o autor vem realizando ao longo de décadas quanto aos caminhos da transformação social, e que tem como ápice até aqui as mais de dez edições do Fórum Social Mundial. Santos, tem trabalhado na perspectiva de formulações teóricas críticas marcadas pelo antipositivismo, pelo anticapitalismo, pela radicalidade das lutas democráticas e anticoloniais, e, por fim, pela tradução intercultural praticada a partir do que denomina de epistemologias do Sul.

Designamos a diversidade epistemológica do mundo por epistemologias do Sul. O Sul é aqui concebido metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo. (SANTOS, MENESES, 2010, p. 12).

Esse enredo empírico-teórico proposto por Santos nos leva a revisitar a questão das juventudes atuais, com outras lentes, ou seja, a partir da percepção de que lugares e significados destinados a juventudes e jovens hoje estão marcados de modo indelével pela lógica ocidental de exercício de poder como sinônimo de dominação. Não qualquer dominação, mas uma dominação formulada por sujeitos sociais que, ao longo da modernidade, colocam as variadas possibilidades de ser/estar em apenas dois lados: o dos que mandam e o dos que obedecem ou são castigados. Exemplos históricos: escravidão, colonização, patriarcalismo. Esta lógica sustentou (e sustenta) o que conhecemos como pensamento moderno ocidental: racional, técnico, econômico-financeiro, produtivista.

“O pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal.”, afirma Boaventura de Sousa Santos (2010) na primeira frase do Capítulo 1 do livro **Epistemologias do Sul**. É nesse pensamento abissal que se constituem os jogos e as dinâmicas sociais de inclusão/exclusão, mas não como o duplo, nem o contraponto. Ou se está incluído ou não se está, pois entre inclusão e exclusão haveria uma enorme fenda ou ruptura. “Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção aceite de inclusão considera como sendo o Outro.” (p. 23-24). Ou seja, na perspectiva de uma abissalidade significadora de dinâmicas e condutas no mundo ocidental moderno, há uma divisão rígida e tangível – embora invisível – de todo e qualquer universo social, micro ou macro, em dois lados: um dominador e outro dominado. As mesmas práticas e valores não se aplicam aos

dois lados, mas antes se contradizem e permitem que dominadores tenham modos diversos de conduta dependendo do lado em que se encontram. Conforme Santos (2010), esta é a lógica imperante desde as primeiras navegações, no século XIV, e dos acordos cartográficos que se seguiram, até nossos dias.

A característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha. Este lado da linha só prevalece na medida em que esgota o caminho da realidade relevante. Para além dela há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não-dialética. Para dar um exemplo baseado no meu próprio trabalho, tenho vindo a caracterizar a modernidade ocidental como um paradigma fundado na tensão entre a regulação e a emancipação social. Esta distinção visível fundamenta todos os conflitos modernos, tanto no relativo a factos substantivos como no plano dos procedimentos. Mas subjacente a esta distinção existe uma outra, invisível, na qual a anterior se funda. Esta distinção invisível é a distinção entre as sociedades metropolitanas e os territórios coloniais. De facto, a dicotomia regulação/emancipação apenas se aplica a sociedades metropolitanas. Seria impensável aplicá-la aos territórios coloniais. Nestes aplica-se uma outra dicotomia, a dicotomia apropriação/violência que, por seu turno, seria inconcebível aplicar deste lado da linha. (SANTOS, 2010, p. 24).

Para o autor, no entanto, hoje a grande linha abissal não está mais no território, a dividir o globo em Norte e Sul ou desenvolvidos/subdesenvolvidos, ou ainda em Primeiro Mundo/Terceiro Mundo. Fica a metáfora do Norte e do Sul para expressar os dois lados de uma divisão abissal entre conhecimentos e condutas válidas e não válidas. Estas grandes linhas são hoje o conhecimento e o direito que, “embora distintas e operando de forma diferenciada, são mutuamente interdependentes.” (SANTOS, 2010, p. 24-5). As epistemologias do Sul apontam que há epistemologias do Norte, ou seja, conhecimentos e direitos reservados para os que estão de um dos lados da linha – fictícia, imaginária, intransponível sem lutas.

Qual a percepção de juventude no lado Norte da linha? Esta a primeira pergunta que podemos levantar ao buscar compreender os jovens na perspectiva colocada por Santos, qual seja, a de um paradigma dominante fundado no patriarcalismo, no capitalismo e no colonialismo. Jovens seriam, então, sujeitos não

sujeitos, tornados invisíveis pelas vontades do patriarca, do capital, do colonizador – ou tudo o que exerce esses papéis na vida de cada jovem. Podemos elencar características atribuídas aos jovens conforme tal pensamento abissal:

- Jovens são estudados e definidos a partir dos meios racionais científicos autodenominados neutros e puros – a Medicina, a Psicologia, a Pedagogia, o Direito.

- Objetivados como incompletos, ignorantes, irresponsáveis, desacreditáveis – quando muito, são classificados como *em formação*.

- Regulados pelas instituições do Estado, claramente através da repressão pela força ou por políticas públicas compensatórias, como as de erradicação do trabalho infantil, de inclusão digital e de cotas.

- Nomeados genericamente como jovens, tornando ausentes as diferenças, divergências, contradições e multiplicidades no ser jovem.

- Cooptados pelo jogo de consumo do capitalismo neoliberal, são dominados pelas necessidades materiais e simbólicas criadas pelos mercados.

- Na lógica neocolonial, porque não dispõem de recursos próprios, adquirem uma face extrativista, ou seja, são acusados de usufruírem das riquezas produzidas pelas gerações anteriores, onerando-as. Há aqui uma analogia com o colonialismo em que os países sem recursos naturais ou bem foram ignorados no sistema-mundo capitalista ocidental ou bem partiram para expropriar de outros – e colonizá-los.

- Os jovens são vistos como aqueles que não têm direito a uma identidade econômica definida pelo trabalho/profissão – mesmo quando já fazem parte da população economicamente ativa (PEA), por classificações teóricas e, portanto, não se incluem na parte nobre das dinâmicas de produção/acumulação. Ou seja, assumem funções menos relevantes socialmente, com menores salários e sem planos de carreira.

Tais características atribuídas aos jovens nas sociedades atuais, da informação e do conhecimento, levam a duas grandes manifestações perceptíveis: por um lado, as juventudes se colocam nos cenários sociais e políticos sem autonomia e sem soberania, desenvolvendo habitus de conformismo e adaptação às demandas

do modelo hegemônico vigente (consumo exacerbado e descartável, comunicação como espetáculo, conhecimentos prontos oferecidos e recebidos como *fast food*); e, por outro lado, movimentos jovens que buscam protagonismo social, político ou cultural, através de manifestações como o hip hop, as rádios alternativas, os coletivos jovens, os *Black blocs*, que reivindicam um novo direito civil como alicerce local para a realização da emancipação e da justiça social, jurídica ou cognitiva – e que, rapidamente, e cada vez mais violentamente, são criminalizados. Podem estes movimentos jovens assumir o compromisso das epistemologias do Sul no sentido atribuído por Santos (2010) de “reparar os danos” históricos do capitalismo e do colonialismo?

... o colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e/ou nações colonizados. As epistemologias do Sul são o conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam essa supressão, valorizam os saberes que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos. A esse diálogo entre saberes chamamos ecologias de saberes (SANTOS, MENESES, 2010, p. 13).

Os movimentos jovens pautam-se pela valorização da diversidade? Estariam dispostos a promover ecologias de saberes, ou seja, reconhecer e estimular formas diferentes e não padronizadas de conhecimento? Quem são os jovens que fazem parte de movimentos sociais? O que leva um jovem ou uma jovem a se envolver coletivamente numa causa e a lutar por ela? Discriminações? Injustiças? Violências? Invisibilidades? Como tais causas do Sul podem se manter livres dos domínios do Norte, ou seja, como não serem cooptadas, assimiladas e incorporadas, como aponta Santos (2010), ao jogo capitalista neoliberal e neocolonialista? O que é mais grave, porque mais sutil, do que serem violentamente proibidos ou destruídos. Para enfrentar tais questões, temos a porta aberta das investigações sociais que, embora também muitas vezes dominadas pela lógica imperialista do Norte, se apresentam como uma possibilidade de revelar conhecimentos, sujeitos e direitos silenciados ou apagados historicamente.

A partir de Santos (2006, 2010) temos a este serviço o seguinte quadro teórico-metodológico, que se constrói na compreensão das epistemologias do Sul: a

ecologia de saberes, a tradução intercultural, a sociologia das ausências e a sociologia das emergências. Não nos cabe aqui detalhar cada um desses conceitos, de todo modo amplamente debatidos pelo autor em livros, artigos e entrevistas. Interessa-nos, no entanto, pensar sobre como operacionalizar esses conceitos para a produção de pesquisas empíricas. O que acreditamos seja possível com a transformação do pesquisador, desenvolvendo tarefas e habilidades como: ressignificar conceitos de cunho ocidental e monocultural como o de direitos humanos; acompanhar processualmente experiências sociais, em vez de tirar uma fotografia estática de tais experiências; voltar-se para o estudo das comunidades; manter vigilância metodológica permanente sobre o trabalho empírico; abrir-se à percepção das diversidades – de conhecimentos, de tempos, de linguagens – ultrapassando a noção do universal; escutar profundamente os sujeitos das experiências sociais, interpretando as intersubjetividades; valorizar as memórias dos sujeitos sociais sobre as histórias consolidadas; buscar a complexidade das relações entre objetividade e subjetividade; tornar-se, o pesquisador social, não um reprodutor da rigidez científica, mas um sujeito enunciativo, que apresenta e problematiza as riquezas da diversidade e da pluralidade de modos de vida em sociedade.

Santos (2010, p. 55) sinaliza alguns caminhos para a pesquisa social com “três conjuntos principais de questões” – a partir dos quais nos permitimos refletir sobre a problemática das juventudes nas sociedades da informação ou do conhecimento: 1) “identificação dos saberes”; 2) “procedimentos que permitem relacioná-los [os saberes] entre si”; 3) “natureza e avaliação das intervenções no mundo real”. Para encerrar o exercício de elaboração em torno da problemática que nos colocamos, apresentamos alguns questionamentos originados nos três conjuntos propostos pelo autor e que tensionam a prática da pesquisa enquanto ação social.

1) Como identificar a diversidade de saberes entre jovens – com quais conceitos podemos identificar e interpretar os conhecimentos produzidos por jovens? E os conhecimentos demandados por jovens em diferentes contextos de vida? Em que o fato de serem jovens aproxima-os e/ou afasta-os na produção, usos, compartilhamentos de saberes? Como conhecimentos locais os aproximam ou afastam de outros jovens em contextos similares, e de outros jovens em contextos diversos? Quando o conhecimento de um jovem é valorizado socialmente? Quanto os jovens valorizam conhecimentos vindos de outras gerações?

2) Quais procedimentos permitem relacionar tais saberes entre si e com outros – como podemos atuar na pesquisa social com jovens estabelecendo diálogos mais profundos entre cientistas e jovens, uma vez que partem de tipos diferentes de conhecimentos? Como traduzir-nos aos jovens e traduzir o conhecimento científico? E, na mão dupla, como traduzir os jovens e seus conhecimentos para o âmbito da Ciência? Como entender o limite do que não se deixa e não pode ser traduzido? “Como distinguir incomensurabilidade, contradição, incompatibilidade e complementariedade?” (SANTOS, 2010, p. 56). Como chegamos a uma produção de conhecimentos conjunta por jovens e cientistas sobre o ser jovem nas complexas sociedades contemporâneas?

3) Qual a natureza da pesquisa enquanto intervenções no mundo real e como avaliar tais intervenções – para que ou com que finalidades produzimos conhecimentos sobre juventudes? Ou seja, como tornar a produção de conhecimento sobre jovens em “práticas de conhecimento” (SANTOS, 2010, p. 56) com jovens? Como atuarmos nas bases existentes de pesquisa – capitalistas e colonialistas – no sentido do anticapitalismo e do anticolonialismo como práticas pós-abissais, de modo a que com os jovens possamos vir a realizar epistemologias do Sul?

Não temos a pretensão de respostas imediatas, inclusive porque concordamos com Santos (2010, p. 56) quando afirma que “Nenhuma destas perguntas tem respostas definitivas. Mas o esforço para tentar dar-lhes respostas – certamente um esforço colectivo e civilizacional – é, provavelmente, a única forma de confrontar a nova e mais insidiosa versão do pensamento abissal”. As tentativas, para o autor, têm vindo do coletivo de investigações sociais pautados na tradução intercultural e na ecologia de saberes, em prática no projeto ALICE – Espelhos Estranhos, Lições Imprevistas (<http://alice.ces.uc.pt/en/index.php/about/?lang=pt>).

Considerações Finais

Novas figurações, novos direitos, novas estruturas materiais, tecnológicas e de pensamento, novas relações e intersubjetividades, novos aportes epistemológicos. Estaremos diante de novas outras bases sociais para outras juventudes? Estará em formação um outro modo de tratar as e os jovens e suas especificidades? Estará em formação uma nova figuração social em que ser jovem poderá ser compreendido para além das reservas de poder desempenhadas pelos sujeitos dominadores na lógica capitalista, colonialista e patriarcal que tem servido de fundamento para o mundo ocidental?

Ainda, pode o tipo de conhecimento científico proposto por Norbert Elias (1970, 1994, 1997), em que relações e interdependências entre os indivíduos em sociedade, considerando-se emoções e afetos, são o centro da problemática social, levar-nos a abordagens mais amplas e próximas das realidades vividas pelas juventudes hoje? Da mesma forma, conseguiremos praticar uma Ciência pautada pelas epistemologias do Sul, conforme Santos (2006, 2010), em que a busca pelas diversidades de conhecimento e modos de vida (ecologia de saberes) e a pesquisa como ação (tradução intercultural) conduzam a um pensamento pós-abissal?

Há, de fato, uma tarefa necessária na discussão sobre juventude, informação e conhecimento num mundo tecnológico e abissal, que consiste em descobrir as direções dos jogos sociais que dão significados às dinâmicas de pertencimento e engajamento, de integração e não integração de indivíduos e grupos nas redes sociais. Essas redes são, constantemente, tensionadas a ampliar-se ou reduzir-se diante dos usos de novas tecnologias. A questão central é se e como informações e conhecimentos que circulam por meios tecnológicos é possível promover novos habitus sociais não abissais e qual a força desses habitus no que se refere à transformação da participação, do protagonismo social e de exercícios de direitos e cidadania emancipatórios entre as juventudes.

Recebido em maio de 2014.

Aprovado em novembro de 2014.

Referências

- ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa, Edições 70. 1970
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 1994
- ELIAS, Norbert. **Os alemães**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 1997
- ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 1998.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. São Paulo, José Olympio. 2002.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Poderá o direito ser emancipatório? **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 65, Maio 2003, p. 3-76.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**. São Paulo, Cortez. 2006
- SANTOS, Boaventura de Sousa.. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. SANTOS, Boaventura de Sousa. MENESES, Maria Paula (org.), 2010. **Epistemologias do Sul**. Coimbra, Edições Almedina. 2010.
- SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria Paula. Introdução. SANTOS, Boaventura de Sousa. MENESES, Maria Paula (org.), 2010. **Epistemologias do Sul**. Coimbra, Edições Almedina. 2010.